



A UTILIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM PARA A REPRESENTAÇÃO DE PAISAGENS

Mauricio Zimmermann Montesdioca¹

Resumo: Este trabalho parte de inquietações deste pesquisador em relação à forma como as paisagens do globo são representadas pelos alunos. Nesse sentido, através de um experimento, procuramos entender se as representações dos discentes seguiam um padrão. Em caso afirmativo, analisamos os motivos pelos quais estes ocorriam e, a partir disso, elaboramos um método que possibilitasse uma desconstrução em relação à forma, procurando saber como se dão estas representações. Propicia-se, com isso, uma maior reflexão dos educandos em relação a futuras análises de imagens. Para tal, fez-se necessário problematizar a percepção dos educandos em relação às paisagens do Irã, no Oriente Médio, bem como verificar se a metodologia proposta alcançaria o objetivo de modificar a percepção que os estudantes trazem desse país, além de verificar se a metodologia proposta alcança esse objetivo.

Palavras-chave: Linguagem fotográfica, tecnologias da informação e comunicação, representação de paisagens, ensino de geografia e aprendizagem.

Abstract: This research is based on the concerns of this researcher regarding the way in which the landscapes of the globe are represented to the students. In this sense, through an experiment, we try to understand if the students' representations followed a pattern and, if so, analyze the reasons why they occurred. Next, it was elaborated a method that make possible a deconstruction of these representations, providing a greater reflection of the students to the future image analysis. It was questioned the perception of students in relation to Iran's landscapes in the Middle East, as well as verified whether the proposed methodology achieves the objective of modifying the perception that students have about the landscape.

Keywords: Photographic language, information and communication technologies, landscape representation, geography teaching and learning.

¹ Mestre em Educação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS, mauriciofoto@gmail.com;



1 – Introdução

O trabalho em questão foi elaborado visando elucidar os questionamentos deste autor sobre as maneiras como os educandos interagem, representam e interpretam as paisagens que se encontram fisicamente distantes deles do ponto de vista geográfico. Tal pesquisa tem como mote as vivências deste professor pesquisador, suas observações e desafios de sala de aula.

Ao se trabalhar com os diferentes continentes, países, estados, cidades e culturas espalhadas pelo globo, percebe-se que, muitas vezes, há uma falta de conformidade na forma como os alunos representam as paisagens que estão ausentes do seu cotidiano e, eventualmente, até as que estão mais próximas.

Constatamos que algumas paisagens ao serem descritas têm destacadas apenas características positivas, não sendo abordadas as contradições e as lutas que ocorrem no espaço descrito, ocultando, dessa forma, as desigualdades e os problemas daquele espaço. Essa falta de informações, no que tange à representação destes espaços, constrói uma ideia parcial ou incompleta a respeito dos espaços nas mentes dos educandos. Há situações, inclusive, em que eles expressam desejo de residir ou de visitar determinados locais, por acreditarem que esses espaços são “melhores” e “mais desenvolvidos” do que aqueles que estão no seu entorno e cotidiano. Verifica-se isso pela forma como os mesmos são apresentados para os educandos, isto é, através das informações difundidas por diversos meios.

Em contrapartida, existem também os espaços que são descritos a partir de uma visão deturpada, estereotipada de forma pejorativa, destacando construções preconceituosas. Geralmente o preconceito se forma a partir de informações que chegam recortadas, que não destacam a pluralidade nas representações. Esses espaços, ao serem representados, podem gerar fobia pelas características que são priorizadas na representação, principalmente quando são destacadas as desigualdades que se apresentam através dos conflitos armados, do clima inóspito, da pobreza e das diversas outras questões que tornam as paisagens desses espaços, no mínimo, desagradáveis. Geralmente, os educandos não demonstram o menor interesse em residir no Afeganistão ou em Teerã, por exemplo.



As questões levantadas suscitam dúvidas relacionadas às razões pelas quais as pessoas interpretam os espaços de formas positivas ou negativas, boas ou más, levando-nos ao encontro do pensamento de Nietzsche (2017, p. 23):

Foram os próprios “bons”, os homens nobres, os poderosos, aqueles que ocupam uma posição de destaque e tem alma elevada que julgaram e fixaram a si e a seu agir como “bom”, ou seja, “de primeira ordem”, em oposição a tudo o que é baixo, mesquinho, comum e plebeu. Foi esse *pathos* de distância que os levou a arrogar-se por primeiros o direito de criar valores, de forjar nomes: que lhes importava a utilidade.

Por meio do exposto pelo autor, podemos entender como se dá o processo que originou a forma como tudo na nossa sociedade é representado, ou seja, ou como algo ruim ou bom, podendo este processo se estender na forma como representamos os espaços. Salientamos que esta ação tende a ser ideológica, pois, ainda segundo Nietzsche, há uma oposição em relação às coisas que não conhecemos e, por isso, a tendência é de refutarmos tudo o que for demasiado diferente. Sendo assim, culturas que não tenham semelhança com a nossa podem representar uma ameaça em nosso imaginário. Por consequência, deverá ser representada como má.

Trazendo essa questão para o âmbito da educação, percebemos que os educandos possuem a tendência de reproduzir o modelo apontado nos parágrafos anteriores ao representarem determinadas paisagens do globo. Pensando em formas de desconstruir aquele exemplo de representação, propomos a inserção da linguagem imagética, por meio das fotografias, visando à representação de paisagens distantes geograficamente com o intuito de desmanchar a ideologia prévia com a qual os espaços estão carregados. Assim, haverá a possibilidade de uma releitura das paisagens.

Para que isso ocorra, será necessária a execução de uma pesquisa com estudo de caso, que contribua para suscitar a dúvida e para instigar a autonomia aos discentes, possibilitando, dessa forma, o desenvolvimento de competências que possibilitem a análise problematizadora das imagens. O propósito será o de fazer enxergar além, levando a uma leitura complexa das paisagens a serem analisadas.

Assim, o principal objetivo desta pesquisa é analisar o potencial da linguagem fotográfica como um instrumento para (re)leituras das paisagens nas atividades de sala de



aula, a partir de uma oficina desenvolvida com alunos do nono ano, do Ensino Fundamental, da Escola Prefeito João Freitas Filho.

Em relação aos objetivos específicos, serão elencadas as seguintes questões:

- Entender os aspectos que influenciam na representação das paisagens;
- Observar de que forma os educandos lêem as imagens disponibilizadas pelas mídias;
- Compreender a importância dos processos metodológicos que envolvem o ensino de Geografia, para a leitura crítica e criativa da paisagem.

Salientamos que o presente estudo se faz necessário para investigar e compreender as formas como os estudantes representam as paisagens do globo, bem como entender quais são os fatores que contribuem para a construção de representações de paisagens sem conformidade com o real.

A partir do presente estudo, acreditamos ser possível construir de forma conjunta a (re)leitura das paisagens trabalhadas, visando desconstruir representações sem conformidade com a realidade, que podem estar pautadas por questões ideológicas. A ideia é a de possibilitar aos alunos, através da competência para a leitura de imagens, uma visão complexificada, que propicie o aprimoramento no que diz respeito à leitura das fotos. Além disso, estas questões são importantes para ampliar o referencial de estudantes que, muitas vezes, têm um repertório cultural muito restrito, contribuindo para que possam se posicionar de uma maneira mais consciente frente aos desafios impostos pela vida.

Sendo assim, acreditamos ser importante que os alunos saibam ler e interpretar as paisagens com criticidade, pois percebemos o quanto esta competência pode aumentar o seu potencial como leitores críticos do espaço geográfico. Isso possibilita o ressurgimento de algumas características que, em muitos casos, são suprimidas em sala de aula, como constato, a partir das minhas observações, alunos de sexto ano inquietos e curiosos, mas que chegam ao nono ano sem nenhuma aparente curiosidade.

Por fim, acreditamos que, por meio de metodologias que coloquem o aluno como protagonista, com a instigação da sua curiosidade e propiciando momentos mais divertidos em sala de aula, conectados com o contexto atual, poderemos provocar uma primavera



incipiente na educação, que, antes de tudo, serve para formar cidadãos críticos e atuantes em todas as searas da vida pública.

Nos próximos capítulos, serão abordadas questões, conceitos e metodologias que darão suporte para o presente trabalho, possibilitando uma compreensão com mais embasamento da nossa problemática. Trataremos de questões relacionadas à escola, aos educandos, às representações e aos subsídios que os alunos utilizam para projetar as paisagens em suas mentes. Nos capítulos finais, apresentaremos a oficina proposta e os resultados acompanhados de suas discussões.

2 - LINGUAGEM DAS IMAGENS PARA LEITURA DE PAISAGENS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Conforme discutido no início deste trabalho, a questão estrutural das escolas brasileiras impacta de forma negativa na educação em âmbito nacional. Segundo Sá e Werle (2017), apenas 0,6% das escolas de Educação Básica são consideradas adequadas para proporcionar aos estudantes infraestrutura capaz de atingir os propósitos de uma educação de qualidade. Neste contexto, cabe fazer uma indagação: como trabalhar com disciplinas que retratam as diferentes paisagens do globo, sem a utilização de tecnologias de cunho visual?

Segundo Driver (2013, p. 207):

Por séculos, de fato, praticantes da arte da geografia têm se empenhado em desenvolver linguagens e técnicas para capturar o que os olhos poderiam ou deveriam ver em uma paisagem. Pensar sobre o que observar e como observar – de fato, o estado de observação em si – tem sido essencial para a teoria e prática do conhecimento geográfico.

As palavras de Driver (2013) evidenciam que a Geografia se caracteriza como uma disciplina de cunho visual. Os professores que trabalham nesta área precisam representar espaços conhecidos remotamente pelos educandos, como as formas dos relevos, outros países e inúmeros outros itens.

Neste contexto, fotografia tem potencial para servir como uma linguagem para assessorar os professores e educandos na representação dos espaços citados anteriormente, podendo também ser utilizada com o intuito de desconstruir representações sem conformidade



e (re)significar a forma como os educandos representam determinados lugares do globo, possibilitando uma complexificação da sua visão de mundo.

Segundo Tuan (1957, p. 8):

O geógrafo assume que uma boa fotografia ou um mapa evoca uma imagem mais nítida dos lugares do que as palavras. As descrições verbais se tornaram suspeitas, elas são lembradas como ineficientes ou meramente ornamentais. A arte de manipular palavras com o propósito de fazer uma vívida parece ter declinado.

Através das palavras de Tuan (1957), é possível constatar que há um movimento em direção ao uso dos recursos imagéticos, tendo em vista que, para complementar as explicações meramente descritivas, faz-se necessário a utilização de subsídios que possibilitem aos alunos enxergar aquilo que está sendo explicado, visando a uma melhor compreensão dos conteúdos em questão. Para a utilização destes recursos, os docentes poderão “levar” os educandos a diversos locais sem sair da sala de aula. Desse modo, haverá uma melhor compreensão dos conteúdos que necessitam de um aporte visual para serem trabalhados.

Os professores que optarem pela utilização dessa linguagem devem ter em vista o papel do fotógrafo, pois, no momento da captura de uma imagem, o mesmo destacará um ponto, preterindo todo o universo ao seu entorno. O processo de captura de imagens poderá estar carregado de ideologias e sentimentos que irão fundamentar a escolha do fotógrafo por determinados assuntos em detrimento de outros.

Os objetivos que deverão estar em voga, ao trabalharmos com estas fotos, será o de desmistificar os motivos do fotógrafo ao capturar tais imagens, instigando os educandos a ler nas entrelinhas. Quando utilizamos imagens com o objetivo de desconstruir representações embasadas no senso comum, corremos o risco de inconscientemente estarmos colocando a nossa forma de enxergar o mundo, repetindo o processo que fez os jovens escolares descreverem as paisagens sem conformidade, pois os mesmos vão seguir repetindo a visão de outrem. (TAVARES, 2006).

Outra questão, que deverá estar em pauta, diz respeito às particularidades dos observadores, pois esses terão suas questões e subjetividades ao analisarem as imagens das paisagens produzidas pelos fotógrafos. Não havendo uma mediação por parte do professor, a



interpretação ocorrerá a partir da forma como estes interagem, sentem e percebem o mundo (RODRIGUES, 2002).

Segundo Felizardo e Samain (2007, p. 210):

À fotografia foi agregado um elevado status de credibilidade devido à possibilidade de registrar partes selecionadas do mundo “real”, da forma como “realmente” se apresentam. Assim, como a palavra fotografia, que do grego significa a “escrita da luz”, a palavra memória também traz consigo traços de credibilidade, por evidenciar os fatos como se parecem, por mostrar os caminhos da lembrança.

A partir do exposto pelo autor, é possível compreender a importância da fotografia para trabalharmos espaços distantes do ponto de vista geográfico, pois a imagem é a reprodução de uma paisagem real num determinado lugar no espaço e de um tempo. As imagens constituem-se como algo crível e palpável, pois, mesmo que a paisagem capturada sofra alterações ou modificações, no decorrer do tempo, na obtenção da fotografia, ela estava lá. Portanto, ela se constitui como um recorte do real no momento em que foi feita, mesmo que ela passe por modificações posteriores à sua captura. Segundo Tavares (2006, p.145) “[...] uma imagem é feita para ser vista. Toda imagem supõe que alguém a veja e, conseqüentemente, alguém a leia”.

É possível inferir que a imagem possui diversas conotações, e o observador, ao ler uma imagem, buscará informações que se fazem visíveis no recorte escolhido pelo fotógrafo. Portanto, as fotografias podem desconstruir ou reforçar determinadas representações, sempre dependendo do recorte priorizado pelo fotógrafo no momento da captura da imagem.

Autores como Manguel (2001) salientam o protagonismo das imagens no nosso dia a dia que, quando imbuídas de significados, se transmutam em linguagens que se fazem presentes em nosso cotidiano.

A partir de Persichetti (2012, p. 165),

[...] é, sim, como um mosaico que pode ser reconfigurado e repensado de formas diversas, de modo a criar variadas formas perceptivas e de interpretação dos fatos, das notícias. Não mais uma amostra, mas uma possibilidade entre tantas, ou olhares diferenciados que narram uma mesma história.

Portanto, a utilização desta linguagem no ensino da Geografia se faz necessária, pois, desse jeito, é possível completar o mosaico de imagens e formar com aquilo que os educandos



trazem em suas bagagens pretéritas, possibilitando a compreensão do todo. Pelo fato de a sala de aula se tornar um ambiente mais interativo e atrativo, havendo recursos necessários para projetar imagens ou ter em mãos subsídios, como atlas, livros ou revistas, onde seja possível prospectar recortes deste todo, torna-se possível um melhor uso dessa linguagem que, às vezes, é preterida por muitos professores.

Outra questão preponderante diz respeito à forma como o professor poderá mediar a utilização desta linguagem com os alunos em sala de aula, pois, como foi levantado, algumas imagens podem reforçar determinados tipos de visões por despertarem sentimentos diversos em relação à forma como retratam determinadas paisagens. Podemos utilizar como exemplo a fotografia de uma paisagem da favela em Pretória, na África do Sul. Quem não conhece o restante daquele país, poderá ficar com a impressão de que o país é todo pobre, assim como muitos estrangeiros que não conhecem o nosso e têm dificuldades ao descrevê-lo. Para muitos, no seu imaginário, o espaço brasileiro poderá ser constituído apenas de uma grande floresta.

Por essas questões levantadas, é perceptível a importância da mediação do professor, no que tange à reflexão e ao treinamento do olhar na leitura das paisagens que serão representadas por meio das imagens fotográficas. Desenvolver a competência de interpretação das imagens em sala de aula propicia alunos mais críticos, que terão a capacidade de observar além da fotografia, não encerrando sua análise no primeiro olhar. Este é um dos objetivos do presente estudo, proporcionar uma leitura crítica das paisagens que auxiliem na formação de uma visão de mundo pautada na crítica e na subjetividade.

3 - DA REFLEXÃO PARA PRÁTICA: OFICINA PEDAGÓGICA - A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA PARA REPRESENTAÇÃO DE PAISAGENS ESTEREOTIPADAS

A fotografia se constitui em uma excelente linguagem para ser incorporada ao ensino da Geografia. Ao selecioná-la, o professor poderá ser um mediador, auxiliando seus alunos; com o intuito de incentivar a autonomia dos mesmos, principalmente, no que tange à leitura e à interpretação das imagens. Dessa maneira, concederá importância ao protagonismo dos educandos, sendo este um fator a ser valorizado.



A escolha do aporte visual para elaboração desta pesquisa se deu pela percepção e pela observação do docente em relação aos educandos e às suas formas de interagir com o espaço em seu entorno, conforme citado nos capítulos anteriores. É consenso na bibliografia consultada que a juventude, independente da classe social, cada vez mais cedo tem acesso a recursos tecnológicos que privilegiam o visual.

Segundo Coutinho e Lehmann, (2012, p. 206):

A proposta de trabalhar com a imagem teve como uma das razões principais o fato de que as imagens despertam emoção e promovem reações, sobretudo quando se trata dos jovens. Tomamos como referência pelo menos dois âmbitos da questão: a imagem como forma de autorreconhecimento, importante para os sujeitos e especialmente para o jovem; a imagem como recurso de expressão e comunicação no contemporâneo, produzida com o uso de tecnologia.

É possível corroborar a visão de que as imagens são um fator que pode ocasionar desequilíbrio na abordagem de determinados temas em sala de aula. Isso pode ocorrer pelo fato de esta ferramenta despertar emoções, provocando reações.

Neste trabalho, a escolha feita foi por uma pesquisa quali-quantitativa, propiciando a coleta de dados quantificáveis, que serão mesclados com dados qualitativos. Se focarmos no objeto de estudo do trabalho em questão, que se relaciona com as formas de percepções e representações da categoria paisagem, é possível nos balizarmos nas palavras de Claval (2014, p. 64), que afirma: “[...] analisar uma paisagem é, pois, aprender o real em diversas escalas”. Portanto, através desta pesquisa, que foi realizada com a participação de jovens escolares, a proposta foi a de abrir um leque para diversas formas de ver o mundo.

Assim, para o desenvolvimento deste estudo de caso que busca a análise do potencial das fotografias como ferramenta educacional de ressignificação das paisagens, optou-se pela realização de uma oficina pedagógica, dividida em três etapas que serão explicadas na sequência.

A oficina foi desenvolvida em uma escola de periferia, localizada no município de Sapucaia do Sul, com educandos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, com vinte e nove alunos, na faixa etária dos 14 aos 17 anos.

Optamos por indivíduos com as características citadas no parágrafo anterior, por termos o intuito de realizar uma análise da visão de mundo dos jovens residentes nas regiões periféricas e verificar se, a partir do método proposto com a utilização de imagens, poderá



haver uma alteração na percepção dos alunos em relação a visões preconcebidas na representação das paisagens, bem como observar os motivos que causam essas concepções dos espaços distantes do ponto de vista geográfico.

Voltando às etapas da oficina, em um primeiro momento, foi realizado um questionário fechado (Anexo A), em que os alunos responderam questões relacionadas à forma como imaginavam alguns aspectos do Irã no Oriente Médio. Estas questões foram pensadas a partir das representações a respeito do país na grande mídia. Portanto, com visões mais amplamente disseminadas entre as pessoas, mas incluindo pontos de vista diferentes que pudessem oferecer um contraponto. Optamos por este país pelo fato de ele estar localizado em uma região do globo que geralmente é representada como uma área de conflito, com muitos contrastes e também por possuir uma cultura “estranha” ao nosso povo, podendo ocasionar uma distorção na representação do espaço dado. A escolha pelos questionários fechados se deu para restringir a diversidade das respostas, possibilitando quantificar os dados através de planilhas e gráficos na análise dos resultados.

Realizamos a coleta de dados sobre as impressões da capital iraniana Teerã através de questionários fechados e fomos para a segunda etapa da oficina, que consistiu na atividade de observação e de análise de fotografias do Irã. As imagens foram exibidas para que os educandos tivessem a oportunidade de visualizar e analisar fotografias que apresentassem diversas paisagens do país, por eles representados através do imaginário no momento anterior.

Neste momento, foram apresentadas imagens da capital do Irã, Teerã, subdivididas em três categorias. A primeira sequência trouxe aspectos da metrópole iraquiana, com imagens abertas, mostrando pedaços da rede urbana da cidade. Apresentamos, também, imagens fechadas com a presença da natureza, da neve, de bares, de parques, de comércios e de pontos turísticos. Estas fotos foram escolhidas, pois estão dentro do padrão do que o senso comum do mundo ocidental considera bonito e belo, com o intuito de demonstrar que o país pesquisado também possui belezas que, muitas vezes, são suprimidas do agendamento dos meios de comunicação. (Figuras 1-3).

Na primeira sequência fotográfica, trabalhamos com as imagens de Anitta Brechbuhl. Nestas fotos, foram destacadas paisagens cênicas e algumas características urbanas presentes nas grandes metrópoles do globo. Esta artista expõe suas imagens em uma página de viagens,



portanto a tendência é que o material exibido traga características do que pode ser considerado “belo”.



Figura 1 - Complexo do Palácio de Saadabad.

Autora: Anitta Brechbuhl



Figura 2 - Comércio gastronômico.

Autora: Anitta Brechbuhl

Na segunda sequência, foram utilizadas imagens do fotógrafo Hossein Fatemi. Ressaltamos que as fotos deste artista ganharam diversos prêmios pelo globo, sendo esteticamente bem produzidas e possuindo cunho político, por mostrarem aspectos da vida dos jovens no país persa. Nesta sequência de fotos, destacamos as palavras de Hossein: “A cultura iraniana sempre esteve presente em duas dimensões: uma visível e outra não”. Nesse sentido, vamos analisar esta cultura que não é visível com o intuito de estabelecer um elo comparativo com a nossa cultura. (Figuras 8-10).



Figura 3 - Mulheres iranianas dirigindo.
Autor: Hossein Fatemi



Figura 4 - Academia para mulheres.
Autor: Hossein Fatemi

As imagens utilizadas na segunda etapa tinham o objetivo de avaliar se estas poderiam modificar ou não a percepção dos alunos em relação ao espaço trabalhado. Este é o momento em que devemos fazer o registro das expressões e das falas dos educandos, para descobrirmos se as fotos têm a potência de instigar os alunos no sentido de propiciar a dúvida, que possibilita a construção de novas verdades temporárias, tendo em vista que as paisagens estão em constantes mudanças.

A terceira etapa do experimento contemplou a realização de um grupo focal, pelo fato de acreditarmos que esta técnica privilegia o debate, propiciando trocas de ideias sobre experiências vividas. Privilegiou-se um espaço onde a dúvida e a curiosidade pudessem estar presentes. Isso possibilitou um melhor entendimento em relação às questões levantadas na presente pesquisa.

Por fim, acreditamos ser importante destacar que a escolha do Irã para a realização da pesquisa se deu pelo fato de acreditarmos na hipótese de que, por estar localizado no Oriente Médio, um espaço distante, com uma cultura diferente, poderia ocorrer uma desconformidade da sua representação por parte dos alunos. Temos em vista, ainda, a questão da forma como a mídia retrata o espaço em questão, com notícias que, muitas vezes, podem desinformar e provocar estereotipação daquela região do globo.



Destarte esta pesquisa tem o intuito de analisar uma forma de desconstruir visões pré-concebidas e que não têm conformidade com a realidade, sendo que estas podem ser utilizadas em qualquer espaço do globo, basta adaptar alguns parâmetros, visando adequá-la à realidade de cada local.

4 - DA PRÁTICA PARA REFLEXÃO: ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados da oficina está organizada em três momentos, correspondentes às três etapas de desenvolvimento.

4.1 - ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Tomando como base os gráficos elaborados a partir das perguntas orientadoras do questionário fechado, pode-se constatar que 100% dos alunos já ouviram falar do Irã, mas de forma superficial, sem possuir um conhecimento sistematizado sobre o referido espaço. Destes estudantes, a totalidade acreditava que existiam conflitos armados no país.

Quando tratamos da condição financeira do povo iraniano, 62,1% dos alunos acreditaram que eles eram majoritariamente remediados; 37,9% acreditaram que eles eram majoritariamente pobres e nenhum dos alunos acreditou que os habitantes daquele local fossem majoritariamente ricos.

Quando abordamos a forma como os discentes imaginaram as cidades iranianas, 13,8% dos alunos acreditaram que a maioria das construções eram antigas; 6,9% acreditaram que a maioria das construções eram modernas; 79,3% acreditaram que a maioria das construções estavam parcialmente destruídas pela guerra, enquanto nenhum acreditou que as construções poderiam ser parecidas com aquelas que possuímos no Brasil.

Com relação ao imaginário dos educandos, sobre as características climáticas do Irã, 17,2% dos alunos acharam que o clima era úmido e quente; 69% acharam que o clima era muito seco e quente (“desértico”); nenhum aluno achou que o clima fosse extremamente frio com ocorrência de neve; nenhum achou que o clima fosse frio e úmido e 13,8% acharam que o clima tivesse um pouco das características de todas as alternativas anteriores.



Ao questionarmos os educandos em relação à forma como imaginavam questões relacionadas à liberdade das mulheres no país persa, 13,8% dos alunos acreditaram que as mulheres podiam estudar, dirigir, trabalhar se divorciar, exercendo cidadania plena e 86,2% tinham a impressão de que as mulheres não tinham liberdade, sendo submissas às vontades de seus maridos.

A partir dos resultados descritos, no que tange à representação do espaço abordado por parte dos educandos, foi perceptível uma certa padronização das respostas. No primeiro questionamento, a maioria afirmou ter conhecimento da existência do país persa. Porém, as respostas que se seguiram indicaram uma representação disforme das paisagens do Irã, pois apesar de terem alguma informação do referido lugar, ela se apresenta de forma superficial.

A maioria dos estudantes apontou que havia conflitos armados, que o clima era seco, que as mulheres viviam sob total controle e que as cidades estavam parcialmente destruídas. A questão que chamou mais a atenção deste professor foi a que tratava dos aspectos econômicos da população, pelo fato de os alunos terem sugerido que a maioria do povo não fosse pobre e, sim, remediada.

Portanto, ao analisarmos as respostas das perguntas, percebemos uma desconformidade em relação à realidade, sendo importante pensarmos sobre os subsídios acessados pelos alunos para chegar a tais conclusões sobre o referido local. Os gráficos são excelentes instrumentos de análise para visualizar de forma simples e rápida padrões de ideias. Através deles é possível quantificar as respostas dos alunos e enxergar a representação destes diferentes pontos de vista sobre diversos temas.

4.2 - APRESENTAÇÃO DAS IMAGENS

Após a resolução das questões que foram relatadas na seção anterior, em forma de gráficos, foram apresentadas três sequências fotográficas com paisagens de Teerã, a capital iraniana. Entende-se que uma cidade não representa a pluralidade de um país, mas, por se tratar de uma pesquisa que visa oferecer subsídios para a (re)leitura das paisagens, a partir de um olhar mais diverso que possa levar à desconstrução de estereótipos, optou-se pela capital. Acredito que a capital do país apresenta uma maior diversidade de paisagens em virtude de ter



uma população mais numerosa, vivendo em situações e lugares diferentes. Tais aspectos irão se refletir em questões arquitetônicas, de infraestrutura e também culturais.

Teerã se constitui como uma metrópole regional, possuindo atributos inerentes a outras metrópoles do globo. As características por que optamos para exibir foram aquelas que valorizassem o urbano, através de vias, parques, centros comerciais, construções verticalizadas. Decidiu-se, também, por dar ênfase para os habitantes daquele espaço, com destaque para as mulheres que, ao serem representadas pelo mundo ocidental, tendem a sofrer grande estereotipação. A ideia, então, neste momento, era oferecer aos estudantes imagens que mostrassem pontos de vista diferentes daqueles que foram explicitados nas respostas ao questionário.

Pedimos aos educandos que fizessem uma análise das imagens que foram apresentadas através do projetor. Solicitamos que eles observassem minuciosamente a paisagem que estava sendo apresentada, pensando: *como é esta cidade? Como é sua arquitetura? Como são as vestimentas dos transeuntes? Como se relacionam as pessoas? Como parecem estar estas pessoas? Como é o terreno e o clima?* Fui fazendo questionamentos que pudessem trazer ou não identificação com o espaço de origem dos educandos, para tornar possível um melhor entendimento e conhecimento das singularidades daquele espaço.

O momento em voga foi de uma riqueza e singularidade indescritíveis. Ao observarmos a reação dos discentes, percebemos que eles não imaginavam vislumbrar as imagens apresentadas. Especialmente no que diz respeito a questões urbanas, arquitetônicas, culturais e identitárias, os estudantes mostraram-se surpresos, pois não imaginavam que tais paisagens pudessem ser de um país em guerra (lembrando as respostas do questionário).

Ao voltarmos a nossa atenção para as características anteriormente mencionadas, abrimos a possibilidade para outros olhares sobre uma mesma paisagem, propiciando reflexões que poderiam levar a uma mudança nas respostas apresentadas num primeiro momento.

Encerramos esta seção com o que foi dito por Kossoy (1999), quando elenca alguns dos motivos pelos quais as imagens são produzidas. O papel do docente, ao trabalhar com esta linguagem, é o de capacitar os educandos a realizarem uma leitura do texto imagético, ampliando sua capacidade de análise e propiciando uma melhor compreensão no que tange a uma visão complexificada e crítica das paisagens.



4.3 - O GRUPO FOCAL: A REAÇÃO DOS EDUCANDOS ÀS IMAGENS E A COMPARAÇÃO COM AS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO

Podemos considerar este momento como o ponto chave da pesquisa, sendo salutar para a problematização dos resultados da pesquisa. O grupo focal ocorreu em sala de aula no decorrer dos períodos que compunham a minha disciplina, tendo duração de quatro horas. Acreditamos que as imagens, provavelmente, alteraram a percepção dos educandos em relação ao país trabalhado. No momento da apresentação das fotos, a expressão dos alunos ao perceberem que o Irã não possuía (ou não possuía apenas) as características citadas no questionário, indicou espanto no rosto da maioria dos jovens escolares. Alguns chegaram a expressar que consideravam a capital iraniana como “mais bonita ou mais moderna”, do ponto de vista arquitetônico, do que a maioria das cidades brasileiras.

No que tange às questões climáticas, os discentes se surpreenderam ao ver neve em um solo que eles imaginavam ser desértico, pois se lembravam das representações trazidas pelos meios de comunicação que uniformizam o Oriente Médio. Em relação à classe social, o questionário teve certa conformidade com as imagens, pois os alunos imaginavam que aquele povo era composto majoritariamente por pessoas remediadas do ponto de vista financeiro. Quando questionado o porquê da referida resposta, os mesmos apontaram que os países daquela região possuíam muito petróleo, justificando a condição financeira daquele povo.

Ao tratarmos das questões relacionadas a conflitos armados, os alunos tiveram uma surpresa ao constatar que as cidades do país em questão estavam preservadas, com diversas construções “modernas”, não havendo a presença de soldados nem armamentos nas fotos.

Em relação às mulheres, ficou perceptível a força da estereotipação na representação daquele espaço. Os educandos imaginavam visualizar mulheres infelizes, cobertas por burcas. Porém, ao analisarem as fotografias, perceberam um cenário antagônico, roupas semelhantes às aquelas utilizadas aqui, rostos felizes e cheio de vida. Viram mulheres em bares, em academias de ginástica, inclusive namorando, algo que para eles seria inconcebível num país que se imaginava tão conservador e repressor.

Nesse sentido, destaco os fatores que contribuíram para a formação de uma visão sem conformidade do espaço representado, pois ao compararmos as fotos com as respostas obtidas



no primeiro momento, questionamos sobre os subsídios que os alunos tiveram acesso para fazer tal representação. Por que imaginavam assim as paisagens do Irã? Onde já tinha visto ou ouvido falar deste país? Os mesmos apontaram que o acesso que tinham às notícias e às informações sobre o país acontecia por meio de jornal, televisão e mídias digitais. A partir destas colocações, foi possível perceber que a grande mídia tem um papel importante na construção dos referenciais dos estudantes, ainda que atualmente, pela internet, exista a possibilidade de acesso a uma diversidade maior de fontes.

É possível, aqui, estabelecer uma conexão com o que foi dito por Morin (2007) no capítulo 6 do presente trabalho, em que foi abordada a questão da mídia como um agente simplificador da informação, colaborando para uma visão distorcida e parcial de mundo (e de suas paisagens) por parte dos educandos.

Assim, constatamos que a proposta desenvolvida, a partir da linguagem fotográfica, contribuiu para a (re)leitura e desconstrução de estereótipos nas paisagens. Ainda que alguns alunos, em poucos momentos, mantivessem reafirmando suas hipóteses iniciais (respostas do questionário), mesmo depois de apresentadas outras perspectivas acerca das paisagens, a grande maioria mostrou-se aberta a esses novos olhares, refletindo sobre suas hipóteses iniciais, confrontando ideias próprias e de seus colegas e produzindo novas reflexões sobre as paisagens do país.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi motivado por inquietações levantadas por este professor-pesquisador a partir da vivência escolar. Enquanto professor de Geografia, eu quero buscar práticas atuais que estejam conectadas com os interesses dos educandos e que possibilitem momentos de troca, tornando possível ensinar e, ao mesmo tempo, aprender.

Os jovens escolares, embora imersos num mundo digital com imensa oferta de informações, são atravessados pelas suas experiências, pelo espaço onde vivem, pelas restrições que lhes são impostas e pelas mídias a que estão submetidos. Esses elementos imbricados podem contribuir para a construção do imaginário dos alunos, no que tange à representação das paisagens distantes do ponto de vista geográfico, entendidas por Costella e Santos (2018) como espaços mentalmente projetados.



Meu objetivo foi analisar o potencial da linguagem fotográfica como instrumento para (re)leituras das paisagens nas atividades de sala de aula. Entendemos que esse objetivo foi atingido, pois a oficina desenvolvida junto aos estudantes do 9º ano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito João Freitas, trouxe muitos elementos que me permitiram refletir sobre esse potencial. Em relação aos objetivos específicos, posso dizer que, com as questões trabalhadas no presente estudo, foi possível entender os aspectos que influenciam na representação das paisagens. Também foi possível inferir sobre a forma como a mídia representa as paisagens e o modo como ocorre a interação entre educando e meios de comunicação. Por fim, podemos concluir que, com a metodologia proposta, foi possível fomentar uma leitura crítica e criativa das paisagens por parte dos educandos.

A partir das observações feitas durante a oficina, amparadas pelos referenciais adotados nesta pesquisa, foi possível entender os aspectos que influenciaram na representação das paisagens e observar de que forma os educandos lêem as imagens disponibilizadas pelas mídias, objetivos específicos desta dissertação. A simplificação da informação ocasionada pelos meios de comunicação, que se fazem presentes através dos jornais, da televisão e da internet contribuem para a disseminação de uma representação parcial e, por isso, muitas vezes estereotipada de paisagens do mundo.

As fotografias como linguagem, na educação, possibilitam a ampliação do repertório cultural dos estudantes e, com isso, oferecem outros olhares sobre o mundo, aproximando a arte da Geografia, sensibilizando o leitor das paisagens, contribuindo para que os estudantes tenham um olhar mais empático para o diferente.

Partindo do pressuposto que as imagens são permeadas por subjetividade e que possuem caráter artístico, é possível instigar novos olhares ampliando a capacidade de análise dos educandos.

Espera-se, a partir deste estudo de caso, oferecer elementos para o debate a respeito do ensino-aprendizagem de Geografia na escola. Destaca-se o perfil embrionário desta pesquisa, salientando que a mesma não pode ser considerada conclusiva frente às inúmeras possibilidades que o tema comporta. Nesse estudo, a atenção voltou-se para a possibilidade de apresentarmos aos estudantes, através da linguagem fotográfica, diferentes olhares sobre



paisagens distantes das suas vivências, permitindo a reflexão acerca da estereotipação das paisagens do globo.

Por fim, procurou-se analisar as formas como as imagens podem corroborar ou desconstruir os modelos de pensamentos pré-concebidos e como esse movimento é importante no sentido de construir aprendizagens e um pensamento geográfico. Ademais, torna-se fundamental descolonizar o olhar do estudante para o mundo, a fim de que ele considere e valorize a diversidade dos povos, das paisagens, dos modos de vida, sensibilizando-o para o despertar do seu senso crítico.

REFERÊNCIAS

BRECHBUHL, Anita Mathieu. **Teerã - pontos turísticos na capital iraniana** = Teheran – Sehenswürdigkeiten in der iranische Hauptstadt, 2017 - 3 fotografias. 11 x 16 cm. Disponível em: <https://www.travelita.ch/salam-teheran-iran-reiseguide/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

COUTINHO, Luciana; LEHMANN, Lucia de Mello e Souza. **Produção de imagens e construção de sentidos: uma oficina com jovens na escola**. ETD – Educ. Temat. Digit., Campinas, SP, v.14, n.2, p.202-219, jul./dez. 2012.

DRIVER, F. Sobre a geografia como uma disciplina visual. **Revista Espaço e Cultura**, n. 33, p. 207-212, 2013. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FATEMI, Hossein. **Uma Jornada Iraniana** = An Iranian Journey 2015. 3 fotografias. 11 x 16 cm. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2015/12/fotografo-retrata-subcultura-no-ira-onde-jovens-fuma-m-tem-tatuagens-e-mulheres-nao-usam-veu/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

FELIZARDO, Adair; SAMAIAN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. In: **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.3, n.3, p. 205-220, 2007

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Ed. 1999.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio**. Tradução Rubens Figueiredo, Rosaura Eichhemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
MARX, Karl. A Chamada Acumulação Primitiva. In: MARX, Karl. **O Capital**. lv. 1, vol. 2, São Paulo: Boitempo, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A genealogia da Moral**. São Paulo: Lafonte, 2017



PERSICHETTI, Simonetta. **Estudos de comunicação contemporânea: perspectivas e trajetórias**. Cláudio Novaes P. Coelho, Dimas A. Künsch, José Eugenio de O. Menezes (orgs.). São Paulo: Plêiade, 2012. p. 273.

RODRIGUES, Gelze. A Geografia das representações: um estudo das paisagens do Parque Nacional da Serra da Canastra – MG. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 11, p. 69-94, 2002. Disponível em: < <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/>>. Acesso em: 25 fev 2020.

SÁ, Jauri; WERLE, Flávia. Infraestrutura escolar e espaço físico em educação: um estado da arte. **Cadernos de Pesquisa**. v.47, n.164, p. 386-413, abr./jun. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742017000200001&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 nov. 2020.

SANTOS, Leonardo Pinto dos; COSTELLA, Roselane Zordan. Cartas Para Que Te Quero: uma Experiência de Leitura do Espaço Geográfico na Geografia Escolar. **Revista FSA** (Faculdade Santo Agostinho), v. 15, p. 187-202, 2018.

TAVARES, Frederico de Melo Brandão. Fotografia e Linguagem: para pensar a comunicação. **MEDIAÇÃO**. Belo Horizonte n.5. novembro de 2006.

TUAN, Yi-fu. **Use of Simile and Metaphor in Geographical Description**. Professional Geographer, v.9, n. 5, p. 8-11, 1957.